

“Uns discretos fazem colégio”, ou: qual laço é possível ao final de uma análise?

Beatriz Oliveira

Resumo

Este trabalho parte da lógica do coletivo tal como Lacan (1945/1998) a desenvolve em seu texto “O tempo lógico e a assunção da certeza antecipada”, procurando discutir tal proposta articulada ao estabelecimento de um universal que se funda sobre uma exceção. Assim, a identificação ao “coletivo”, neste momento, está mais próximo à particular afirmativa para cada sujeito a respeito de sua própria existência: fraternos como falantes e castrados. No entanto, essa lógica é a mesma que precisa da segregação para se estabelecer. Com os avanços teóricos de Lacan em relação ao campo do gozo, a partir dos anos 1970, este trabalho pergunta se algo mudaria nesse laço coletivo, ou se daria para pensar outra lógica coletiva que não se estabelecesse por um conjunto que se fundaria por sua exceção, mas a partir de um enodamento paradoxal, tal como propõe Milner (2006). Nesse sentido, o modo singular de gozo de cada falasser poderia fazer diferença nesse tipo de laço, introduzindo esse traço “discreto” na fraternidade?

Palavras-chave:

Lógica do coletivo; Fraternidade discreta; Laço entre psicanalistas.

“Some discreet ones form a school,” or: what bond is possible at the end of an analysis?

Abstract

This paper is based on the logic of collectiveness as Lacan (1945/1998) develops in his text “Logical Time and the Assertion of Anticipated Certainty.” It also seeks to discuss the proposal in coordination with establishing a universal based on the exception. Therefore, identifying oneself with a “collective,” at this moment, is closer to each individual’s particular assertion regarding one’s existence: fraternal as speaking and castrated. However,

1 Trabalho apresentado no V Simpósio Interamericano “Segregação e singularidade”.

2 Referência ao que Lacan nomeia como “fraternidade discreta” no texto “A agressividade em psicanálise” (Lacan, 1998).

this logic is the same that requires separation to become established. Given the theoretical progress made by Lacan in the field of jouissance as of the 1970s, this paper questions whether anything would change in this collective link or if it would be possible to think about a different collective knowledge — one that would not become established through a set based on exception, but based on a paradoxical interlacing, as proposed by Milner (2006). Therefore, could each speaking's unique form of jouissance make a difference in this type of link, thus introducing that “discrete” trait of a fraternity?

Keywords:

Logic of collectiveness; Fraternity discrete; Interlacing analytic.

“Algunos discretos forman un colegio”, o: ¿qué lazo es posible al final de un análisis?

Resumen

Este trabajo parte de la lógica del colectivo, tal como Lacan (1945/1998) la desarrolla en su texto “El tiempo lógico y el aserto de certidumbre anticipada” y busca discutir tal propuesta articulada al establecimiento de una universal que se funda sobre una excepción. Así, la identificación al “colectivo”, en este momento, está más cerca de la particular afirmativa para cada sujeto al respecto de su propia existencia: fraternos como hablantes y castrados. Sin embargo, esa lógica es la misma que necesita a la segregación para establecerse. Con los avances teóricos de Lacan con relación al campo del goce, a partir de los años 1970, este trabajo pregunta si algo cambiaría en este lazo colectivo, o si se podría pensar otra lógica colectiva que no se estableciese por un conjunto que se fundara por su excepción, sino a partir de un anudamiento paradójico, tal como lo propone Milner (2006). ¿En ese sentido, el modo singular de goce de cada hablante podría hacer diferencia en ese modo de lazo, introduciendo ese trazo “discreto” en la fraternidad?

Palabras clave:

Logica del colectivo; Fraternidad discreta; Lazo analítico.

« Certains discrets forment un collège », ou : quel lien est possible à la fin d’une analyse ?

Résumé

Ce travail part de la logique du collectif telle que Lacan (1945/1998) la développe dans son texte « Le temps logique et l’hypothèse de certitude anticipée » et cher-

che à discutir d’une telle proposition liée à l’instauration d’un universel fondé sur une exception. Ainsi, l’identification au « collectif », à ce moment, est plus proche de l’affirmation particulière de chaque sujet quant à sa propre existence : fraternelle comme parlent et castrée. Mais cette logique est la même qui a besoin de la ségrégation pour s’imposer. Avec les avancées théoriques de Lacan sur le champ de la jouissance, à partir des années 70, ce travail se demande si quelque chose changerait dans ce lien collectif, ou s’il serait possible de penser une autre logique collective qui ne serait pas établie par un ensemble qui serait fondée par son exception, mais basée sur un noeud paradoxal, comme le propose Milner (2006). En ce sens, la manière unique de jouir de chaque parlent pourrait-elle faire une différence dans ce type de lien, en introduisant ce trait « discret » dans la fraternité ?

Mots-clés :

Logique du collectif ; Fraternité discret ; Lien analitic.

É essa vítima comovente, evadida de alhures, inocente, que rompe com o exílio que condena o homem moderno à mais assustadora galé social, que acolhemos quando ela vem a nós; é para esse ser de nada que nossa tarefa cotidiana consiste em reabrir o caminho de seu sentido, numa *fraternidade discreta* em relação à qual sempre somos por demais desiguais. (Lacan, 1998, p. 126)

Sabemos que o laço entre psicanalistas não é imune aos efeitos de grupo: esses estão presentes em todas as associações de psicanalistas. Lacan procurou tratá-los propondo que o final da análise fosse além da identificação ao analista, tal como se via nas análises de linha inglesa. Em que medida a aposta na singularidade da saída da análise de cada sujeito, sempre um a um, permite avançar em relação ao laço possível para um sujeito? Quais são as possibilidades de coletividade ao final da análise? Seria a “fraternidade discreta” uma proposta interessante para pensar esse laço coletivo possível no final de uma análise?³

Há uma via ética que sustenta a posição no final da análise: ao contrário do Um que faz um conjunto fechado, próprio das identificações, trata-se de sustentar o um a um que não faz conjunto, dos esparsos disparatados. Nesse sentido, qual noção de coletividade poderia ser coerente com a orientação psicanalítica que implica a singularidade? É possível um agrupamento que não segregue?

3 A matemática discreta (ou, como por vezes também é apelidada, matemática finita ou matemática combinatória) é a parte da matemática devotada ao estudo de objetos e estruturas discretas ou finitas (discreta significa que é formada por elementos distintos e desconexos entre si). Recuperado de <http://www.dcc.ufmg.br/~loureiro>

Em 1945, Lacan escreve:

Tres faciunt collegium (Três fazem colégio), diz o ditado, e a coletividade já está integralmente representada na forma do sofisma, uma vez que se define como um grupo formado pelas relações recíprocas de um número definido de indivíduos, ao contrário da generalidade, que se define como uma classe que abrange abstratamente um número indefinido de indivíduos. (Lacan, 1945/1998, p. 212)

Nesse texto, Lacan se utiliza de um problema clássico de lógica, conhecido como sofisma dos três prisioneiros. No mesmo texto, ele subverte o juízo de existência da lógica clássica já impondo que a afirmação de uma particular se dá a partir não só dos outros, mas do reconhecimento inicialmente do que não se é.

Ele trará o exemplo:

1. Um homem sabe o que não é um homem.
2. Os homens se reconhecem entre si sendo homens.
3. Eu afirmo ser homem, por medo de ser convencido pelos homens de não ser homem (Lacan, 1945/1998, p. 213).

Lacan parece, aqui, antecipar aquilo de que mais à frente se ocupará: que a universal se define a partir da exceção. A regra universal do “todos castrados” e falantes se funda pela necessidade de uma exceção da qual todos se diferenciem. Mas, para se afirmar nessa existência, é necessário o reconhecimento entre outros. A particular afirmativa é decorrente dessa inclusão no conjunto de todos castrados e se articula ao juízo de existência do ser falante. Assim, a lógica do coletivo tal como Lacan coloca nesse momento se sustenta a partir de um que não se inclui. Ou seja, só há particular identificado ao “todos” que se diferencia da exceção. Entendo, dessa forma, que Lacan dirá que somos fraternos, porque falantes e castrados.

Acontece que esse ser falante é absolutamente inapreensível. E é ainda mais inapreensível por ser forçado a passar pelo símbolo para se sustentar. Um ser, quando vem a ser apenas pelo símbolo, é justamente um ser sem ser. Pelo simples fato de falarem, vocês todos participam desse ser sem ser. Em contrapartida, o que se sustenta é a EXISTÊNCIA, na medida em que EXISTIR não é SER, é depender do Outro. Vocês estão aí, todos, existindo, mas, no que concerne a seu ser, não ficam tão tranquilos. De outro modo, não viriam buscar a certeza em tantos esforços psicanalíticos. (Lacan, 1971-1972, p. 103)

Entendo, então, que a existência, o modo particular de cada um entrar na função fálica, não resolve o modo de gozo singular como cada um vai se virar com

o impossível de fazer relação. Talvez não tenha sido por acaso que Lacan afirma, logo depois de dar seu exemplo sobre sua lógica coletiva:

Movimento que fornece a forma lógica de toda “assimilação humana”, precisamente na medida em que ela se coloca como assimiladora de uma barbárie e, no entanto, reserva a determinação essencial do “Eu”. Há aqui uma relação necessária entre essa fraternidade — que nos faz humanos — e a barbárie? (Lacan, 1945/1998, p. 213)

Em que medida a lógica do coletivo, tal como Lacan a apresenta nesse texto de 1945, diferencia-se do que ele propõe nos anos 1970, quando consegue elaborar a lógica do não todo e o Real como impossível?

No *Seminário XX*, ao retomar o sofisma dos prisioneiros, Lacan (1972-1973/2010) recolocará a função do pequeno *a* como aquilo que intervém no nível do que cada um dos sujeitos sustenta para chegarem a uma conclusão:

(...) não o fato de ser um entre outros, mas de ser, em relação aos outros dois, aquele que está em jogo no pensamento deles, ou seja, muito precisamente, cada um só intervém, nesse trio, justamente enquanto esse objeto pequeno *a* que ele é, aos olhos do outro. (Lacan, 1972-1973/2010, p. 121)

Nessa passagem, já em outro momento de seu ensino, Lacan é claro: o três em jogo inclui o objeto *a* como terceiro elemento. É a partir desse *a*, objeto causa para os outros, que se dá o tempo para compreender que antecede o ato de saída. Não sei o que sou para o outro, e aí está o verdadeiro que se atinge no sofisma: esse lugar vazio, causa para o outro.

Incluir o *a* como esse terceiro elemento apresenta alguma diferença em relação à sua primeira formulação da lógica do coletivo? Há algo nesse avanço que permite abrir para a questão da singularidade? Em que medida essa proposta de pensar o objeto *a* como terceiro no sofisma já indica o que Lacan formulará no seminário seguinte, *Seminário XXI* (Lacan, 1973-1974), a respeito de que o Real é três?⁴ O Real é três pois a não relação entre um e outro, 1 e 2, já faz três.

Milner proporá que há classes de agrupamento paradoxais que não se ligam por uma propriedade semelhante a todos — laço imaginário — e nem por um significante

4 Ele vai dizer na lição 6 (15 de janeiro de 1974) do *Seminário XXI* que se trata de “desalojar o Real da posição de suposição, pois isto o subjeta ao que se imagina ou simboliza. Tudo que eles têm de Real (referindo-se ao nó) é que isso faça três” (Lacan, 1973-1974, p. 60). Por que o fato de que faça três indica o Real? Em seguida, ele responde: “que eles sejam três, é isso que sustenta o Real. Por que o Real é três? É uma questão que eu fundo, que eu justifico assim: que não há relação sexual”. Ou seja, o próprio “não há” entre 1 e 2 já faz três.

assentido — laço simbólico. Assim, ele tomará o exemplo dos três prisioneiros como uma forma de enodamento paradoxal: eles permanecem enodados enquanto precisam resolver sua questão, mas não porque estejam trabalhando em grupo, mas porque a presença de cada um é necessária para que todos resolvam o problema (Milner, 2006, p. 89). Entendo que essa proposta de Milner seja coerente com um laço em que os uns discretos se enodam por suas diferentes funções, durante um tempo limitado.

Assim, se somos fraternos no discurso, porque somos todos falantes, o que faz a diferença e faz suplência à particular existência de cada falasser é justamente esse traço discreto, que se escreve contingencialmente — acompanhando sua própria definição na matemática, ou seja, elementos distintos e desconexos entre si — e faz toda a diferença: uma marca singular de cada um, que não faz conjunto e indica o modo próprio de gozo de cada falasser.

Parece-me, então, que um laço possível a ser feito a partir da psicanálise é o que não recua diante do impossível, o Real, e faz dele causa de seu próprio enodamento. Dessa maneira, tanto o enlace quanto a possibilidade de se desfazer o laço estão colocados a todo instante. Não se trata de tomar a dissolução do laço como princípio, mas como escolha possível dos sujeitos que aí se engajam.

Entendo que, a partir do final de uma análise, a inclusão de alguns outros se dá um a um, com os quais o laço possível é da ordem do acontecimento, da contingência. Nesse sentido, trata-se menos de pensar uma fraternidade discreta, e, sim, “uns discretos que fazem colégio”. São os uns discretos e singulares que fazem um coletivo possível de uma fraternidade.

Referências bibliográficas

- Lacan, J. (1973-1974). *Seminário XXI: os não tolos erram (Les non-dupes errent)*. Inédito.
- Lacan, J. (1998). A agressividade em psicanálise. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1998). O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1945)
- Lacan, J. (2010). *Seminário XX: mais, ainda...* Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana. Edição não comercial. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Lacan, J. (2012). *O seminário, livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1971-1972)
- Milner, J. C. (2006). *Os nomes indistintos*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud.

Recebido: 01/06/2023

Aprovado: 15/06/2023